



«Ambiguidade estrutural em manchete de jornal: o PIBIC-EM na pesquisa em teoria gramatical»

Camilly Vitoria dos Santos (PIBIC/CNPq)*; Gabriella Menezes Villela (PIBIC/CNPq)*; Renan César .F. de Oliveira (PIBIC/CNPq)*

Orientador: Prof. Aquiles Tescari Neto*

Resumo: Neste trabalho, nosso objetivo é mostrar que ambiguidades estruturais presentes em manchetes de jornal podem ser desambiguadas se recorrermos a testes de constituência. Identificar o constituinte diretamente envolvido na ambiguidade e classificá-lo segundo a sua função sintática é um instrumento importante para a construção do texto.

Palavras-chave: *ambiguidade estrutural, manchete de jornal, funções sintáticas.*

1. Introdução

Por meio do projeto “A ambiguidade estrutural em manchetes de jornal: conhecimento gramatical e produção textual”, desenvolvido no *LaCaSa*, pudemos compreender a importância do estudo das **ambiguidades estruturais**, que nada mais são do que construções apresentando dois, três ou até mais sentidos.

Para dar um exemplo, apresentamos a seguinte manchete do jornal *Folha de São Paulo/UOL*, de 6 de outubro de 2019, analisada em nosso projeto:

(1) “Investigação quer esclarecer se houve pagamento por conversas hackeadas”

Essa frase é ambígua e, de acordo com a nossa pesquisa, tem pelo menos dois sentidos relacionados ao domínio de modificação ou atuação do adjunto *por conversas hackeadas*, na frase: numa primeira leitura, o objetivo da investigação é saber se alguém recebeu propinas para “vazar” conversas hackeadas; nesse caso, o adjunto *por conversas hackeadas* seria um adjunto adverbial de finalidade; numa segunda leitura, interpretamos uma relação de “troca” ou “negociação”: *por conversas hackeadas* seria um adjunto adverbial de negociação; esta classificação não se encontra em gramáticas. Foi Oliveira (2020) quem a cunhou, no contexto da pesquisa de nosso projeto do PIBIC-EM.

O objetivo desta pesquisa foi desambiguar as frases ambíguas encontradas em manchetes de jornal, recorrendo aos testes de constituintes.¹ Além desse objetivo primeiro, tivemos um outro objetivo: identificar os constituintes diretamente envolvidos na ambiguidade, em manchetes de jornal, e oferecer uma classificação sintática para tais constituintes. Neste artigo, temos, portanto dois objetivos inter-relacionados: primeiramente, desenvolver um estudo aprofundado sobre o nosso conhecimento gramatical, partindo de uma descrição dos sentidos ambíguos de um conjunto de manchetes dos jornais *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Correio Popular*, publicadas no segundo semestre de 2019. Em segundo lugar, queremos, neste estudo: (i) identificar os constituintes envolvidos na ambiguidade; (ii) desambiguar as manchetes (recorrendo a testes de constituência); e (iii) classificar, segundo as funções sintáticas, os constituintes diretamente envolvidos na ambiguidade.

* *LaCaSa* – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>). Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, UNICAMP.

¹ Testes de constituintes são instrumentos diagnósticos eficazes para detectar se uma sequência de palavras é um grupo/constituente em determinada ocorrência.

O trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as bases teóricas que nortearam a pesquisa desde o início; na seção 3, apresentamos a metodologia de investigação. Os resultados e a discussão são apresentados na seção 4. A seção 5 apresenta as considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

A ambiguidade sintática estrutural é, basicamente, o duplo sentido gerado pela disposição das palavras em uma frase. Pode-se falar também que é decorrente, em alguns casos, da “má colocação” das palavras na frase, trazendo então esse duplo (ou mais) sentido(s) no ato da leitura do texto escrito.

A seguir, mostraremos alguns exemplos de ambiguidades estudadas na pesquisa:

(2) Análise linguística na Educação Básica com ambiguidade. (Tescari Neto, 2018, p.4)

Nesta frase, há dois sentidos diferentes em *com ambiguidade*, sendo que esse sintagma pode modificar dois constituintes: *análise linguística*, sugerindo a ambiguidade como reflexão através desta análise, como também *Educação Básica*; neste último caso, a educação básica seria ambígua de alguma forma. Vejamos, agora, a frase em (3):

(3) O Renan viu a garota com o binóculo.

Nesta sentença há duas interpretações. A primeira seria a de que Renan, portando um binóculo, viu a garota. A segunda seria a de que Renan viu a menina, sendo que era ela quem utilizava o binóculo.

Para fazermos sentenças como essas terem somente uma interpretação, podemos utilizar os testes constituintes (Tescari Neto, 2018). Este é, conforme mencionamos, o primeiro objetivo projeto de investigação relatado aqui.

Por serem ambiguidades estruturais, são apurados os grupos de palavras dentro da frase que podem ser constituintes. Assim, então, os testes de constituintes são empregados para desambiguar as frases ao determinar o constituinte. São variados esses testes: há o teste de movimento (ou topicalização), que consiste em deslocar frases constituintes. A frase (4b), abaixo, ilustra esse expediente: repare que o constituinte em posição inicial (ao que se segue a vírgula) foi deslocado de sua posição original em (4a). As frases em (4a, b) são de Tescari Neto (2018).

- (4) a. João beijou Maria na bochecha.
b. Na bochecha, João beijou Maria.

A passivação, que também faz parte do deslocamento, tem como característica os constituintes serem construídos com um verbo transitivo direto. O exemplo (5b) é uma instância de passivação a partir de (5a).

- (5) a. Amanhã, o João vai comprar o último livro do Chomsky na Borders'
b. O último livro do Chomsky vai ser comprado pelo João amanhã na Borders'
(Negrão et al., 2003, p. 90)

A clivagem, que também envolve movimento, pode ser descrita como uma configuração em que o foco é “ensanduichado” pelo verbo *ser* e pelo *que*, conforme (6b), derivada de (6a).

- (6) a. Mãe é condenada por matar recém-nascido em crise no pós-parto.

b. Foi a mãe em crise pós-parto que foi condenada por matar recém-nascido (Tescari, 2018, p. 9)

Há também a (proibição da) inserção, na qual adicionam-se novos constituintes onde há fronteiras sintáticas. Isso é ilustrado em (7b), de Tescari Neto (2018, p. 9):

- (7) a. Mãe é condenada por matar recém-nascido em crise no pós-parto.
b. Mãe é condenada por matar recém-nascido em crise hoje no pós-parto.

O teste de proforma, que consiste na substituição de constituintes por pronomes, ilustra um outro expediente (cf. 8b).

- (8) a. Mãe é condenada por matar recém-nascido em crise no pós parto.
b. Mãe é condenada por matá-lo (*lo* = recém-nascido em crise no pós-parto) (Tescari, 2018, p. 10)

Até agora, ilustramos os testes de constituência tal qual descritos na literatura (cf. Tescari Neto, 2017, 2018; Negrão et al., 2003). Alguns desses testes serão, na seção 4, usados para desambiguar manchetes de jornal. Para além disso, na seção 4, também identificaremos o constituinte diretamente envolvido na ambiguidade, em cada ocorrência, e lhe atribuiremos uma função sintática (para cada leitura ambígua).

3. Parte Experimental

Os experimentos realizados foram dedutivos. Nós recorremos à nossa intuição de falantes nativos do português (através de experimentos simples, denominados de “julgamentos de gramaticalidade”), típicos da metodologia da gramática gerativa (Chomsky, 1994).

Esses experimentos levaram em conta nossos julgamentos e nossas interpretações de manchetes dos jornais *UOL/Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Correio Popular (Campinas)*. Recolhemos um conjunto de mais de quarenta manchetes ambíguas e analisamos os vários sentidos de cada manchete (envolvendo ambiguidade estrutural) qualitativamente.

Para cada manchete, além de explicarmos a ambiguidade estrutural envolvida, recorremos aos testes de constituência para desambiguá-las e classificamos os constituintes diretamente envolvidos na ambiguidade, levando em conta sua interpretação. Para isso, utilizamos de funções sintáticas – os termos essenciais, integrantes e acessórios – da gramática tradicional. Para os casos em que a Nomenclatura Gramatical Brasileira não dispõe de uma classificação pertinente, cunhamos nós mesmos as classificações.

4. Resultados e discussão

Nesta seção, apresentaremos duas manchetes de jornal. Nosso objetivo é desambiguar as manchetes, recorrendo aos testes de constituência, em primeiro lugar. Esse expediente é muito importante na produção textual, pois oferece ferramentas importantes para desambiguar frases em textos em que a ambiguidade não é bem-vinda (Tescari Neto, 2018).

Começemos pela manchete em (9):

- (9) “Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo com ataques”
(*O Estado de São Paulo*, 02/11/2019)

Nessa manchete ambígua, temos a *primeira leitura*, segundo a qual, por meio de ataques, Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo. Numa *segunda leitura* se tem a ideia de que Witzel

manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo que contém ataques. Há também uma *terceira leitura* ainda, que é a de que Witzel manda polícia do Rio investigar, com ataques, vídeo apócrifo. Portanto, nessas três leituras, o constituinte envolvido é “com ataques”.

Em proveito da *primeira interpretação*, aplicamos os seguintes testes:

(10) *Pergunta e resposta:*

A: Com o que Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo?

B: Com ataques.

(11) *Movimento:*

Com ataques, Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo.

Repare que, sobretudo o movimento, em (11) é um bom artifício, num texto, para desambiguar uma estrutura como a manchete em (9).

Já em proveito da *segunda interpretação*, aplicamos o seguinte teste:

(12) *Pergunta e resposta:*

A: O que Witzel manda polícia do Rio investigar?

B: Vídeo apócrifo com ataques.

Em proveito da *terceira interpretação*, aplicamos os seguintes testes:

(13) *Movimento:* Witzel manda polícia do Rio, com ataques, investigar vídeo apócrifo.

(14) *Passivação:* Polícia do Rio foi mandada com ataques por Witzel para investigar vídeo apócrifo.

Repare que os testes de constituição desambiguaram a manchete em (9), em proveito respectivamente da primeira, da segunda e da terceira interpretação, sendo bons artifícios para serem usados na produção textual (Tescari Neto, 2018).

As funções sintáticas, de acordo com as interpretações, levando em conta o elemento diretamente envolvido na ambiguidade (*com ataques*), são as seguintes: para a primeira interpretação, *com ataques* é um adjunto adverbial de instrumento. Para a segunda interpretação, este termo agora é um adjunto adnominal. Em relação à terceira interpretação, *com ataques* é novamente um adjunto adverbial de instrumento.

Passemos à segunda manchete:

(15) “AGU atua em 63 ações para evitar que Enem seja questionado na Justiça”
(*O Estado de São Paulo*, 03/11/2019)

Nessa segunda manchete ambígua, há duas interpretações possíveis: na *primeira leitura*, entende-se que a AGU atua em 63 ações para evitar que, na Justiça, o Enem seja questionado. Já para a *segunda leitura*, temos um outro entendimento: é a AGU, dentro da Justiça, que atua em 63 ações para evitar que Enem seja questionado. Em ambas, o constituinte envolvido na causa da ambiguidade é *na justiça*.

Passemos agora à desambiguação das manchetes, recorrendo aos testes sintáticos, importantes elementos para a análise sintática como também para a produção textual.

Em proveito da *primeira interpretação*, aplicamos o seguinte teste:

(16) *Clivagem:*

É para evitar que Enem seja questionado na Justiça que AGU que atua em 63 ações.

Em proveito da *segunda interpretação*, aplicamos o seguinte teste:

(17) *Movimento:*

AGU, na Justiça, atua em 63 ações para evitar que Enem seja questionado.

Novamente, os testes se mostraram eficientes na desambiguação da manchete.

Sobre as funções sintáticas relacionadas às interpretações do constituinte diretamente envolvido na ambiguidade (*na justiça*), temos o seguinte: para a primeira interpretação, o adjunto é adverbial de finalidade. Em relação à segunda interpretação, o adjunto adverbial é de lugar.

5. Considerações finais

Há de se destacar como é importante que as frases sejam compreensíveis em textos formais, especialmente em artigos de jornal, que milhares de pessoas acessam diariamente. E se existe ambiguidade, as pessoas podem interpretar de outra forma, o que claramente não é a intenção.

Ambiguidade é bem-vinda em matéria de jornal, quando bem construída, o que não foi o caso das três manchetes aqui apresentadas, que poderiam, por bem da clareza, terem sido melhor elaboradas.

Os testes constituintes, que são importantes instrumentos para a análise sintática: servem para indicar quais constituintes devem receber classificação, por exemplo, na análise sintática da oração (Tescari Neto, 2018). Além disso, os testes se mostram como instrumentos poderosos também para que consigamos escrever um texto coerente, que possua somente uma interpretação. Devem, então, ser considerados também na produção textual, para um melhor entendimento do público leitor.

Na seção 4, mostramos que a análise sintática é de vantajada relevância para a produção do texto. É devido a ela que pudemos identificar em nossos trabalhos algumas ambiguidades, o que permite acesso a ferramentas e técnicas da produção de textos criativos.

Da forma como trabalhamos, sobretudo no exemplo (1), da *Introdução*, a análise sintática pode e deve dar maior protagonismo aos alunos: podemos nos portar como personagens principais da análise sintática se tivermos argumentos coerentes e precisos, que consigam solucionar os problemas que encontramos nas análises com que trabalhamos. Isso foi também um dos objetivos do projeto do PIBIC-EM desenvolvido no LaCaSa.

Referências bibliográficas

- Chomsky, N. (1994). *O Conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho Editorial.
- Negrão, E.V. et al. (2003). Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J.L. *Introdução à Linguística II*. São Paulo: Contexto, p. 82-109.
- Oliveira, R.C. (2020). *A ambiguidade estrutural em manchetes de jornal: conhecimento gramatical e produção textual*. Relatório final de Iniciação Científica (PIBIC-EM). PRP/UNICAMP.
- Tescari Neto, A. (2017). Constituição sintática, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. Working Papers In Linguistics, volume 18, n. 2, p. 129 – 152.
- _____. (2018). Análise linguística na Educação Básica com ambiguidade. In: Nascimento, L.; Souza, T.C.C. (Org.) Gramática(s) e discurso(s) : ensaios críticos. Campinas, SP : Mercado de Letras, p. 173-206.